

Charles Spurgeon

Heróis: Legados de Fé da Modernidade—Parte 10

Isaías 45.22

Introdução

Nascido numa família com um legado de pastores, Charles Spurgeon entrou neste mundo no dia 19 de junho de 1834. Ele se tornaria o pastor mais influente e famoso no mundo pelos próximos 200 anos.

Por motivos financeiros, Spurgeon foi enviado pelos pais para passar um tempo morando com os avós quando completou 2 anos de idade. Quando voltou para a casa dos pais aos 6 anos para começar educação formal, ele já sabia ler, uma vez que tinha sido ensinado pelos avós piedosos lendo a Bíblia.

Quando voltou para casa, seu pai, também pastor, continuou exercendo influência piedosa sobre o garoto, apesar de Spurgeon falar com maior frequência sobre a influência de sua mãe. Ela reunia as crianças no domingo à noite ao redor da mesa para ler a Bíblia e orar. Spurgeon conta que ela orava da seguinte forma: “Senhor, se meus filhos seguirem seus próprios pecados, eles não perecerão por ignorância. Minha alma testemunhará contra eles no dia do julgamento, caso não sigam a Cristo.”

Apesar de Spurgeon ter uma herança piedosa, ele resistiu a obra do Espírito de Deus. Ele escreveu: “Preciso confessar que nunca teria sido salvo se dependesse de mim. Enquanto pude, me rebelei,

revoltei e lutei contra Deus. Quando ele me incitava a orar, eu não orava; quando ouvia e uma lágrima descia no meu rosto, logo a enxugava e desafiava Deus a que derretesse minha alma. Ah, mas muito tempo antes de eu começar com Cristo, ele já tinha começado comigo.”¹

Spurgeon disse, certa vez, que, quando tinha 16 anos, o Espírito Santo já vinha arando o solo de sua alma com 10 cavalos em seu jugo—os Dez Mandamentos—e arando em forma de cruz com o Evangelho.

Num domingo de manhã, a neve caía tão forte que Spurgeon não conseguiu ir até sua igreja, então decidiu ir a uma Metodista próxima à sua casa. Quando chegou, já um pouco atrasado, descobriu que o pastor não estava lá; outro homem daria a mensagem. Na verdade, ninguém sabia onde estava o pastor. Daí, depois de uma demora em que todos ficaram meio desajeitados, um homem se levantou e começou a pregar. Ele não tinha educação teológica e, até hoje, seu nome permanece anônimo.

Posteriormente, Spurgeon contou o acontecido em detalhes:

*Esse homem mal sabia ler, mas pregou no texto: “**Olhai para mim e sede salvos.**” Ele ficou preso a esse texto, já que tinha pouco*

para dizer. “Queridos amigos,” disse ele, “este é, de fato, um texto bastante simples. Ele diz: ‘Olhai.’ Agora, olhar não dói muito. Não é o mesmo que levantar seu pé ou seu dedo; é só ‘olhar.’ Bom, o indivíduo não precisa ir para a faculdade para aprender a olhar. Você pode ser um grande tolo, mas ainda sabe olhar. O indivíduo não precisa ser rico para saber olhar. Qualquer um pode olhar, até mesmo uma criança pode olhar. Mas, em seguida, o texto diz: “**Olhai para mim.**” Muitos de vocês olham para dentro de si, mas jamais encontrarão conforto dentro de si mesmos. Olhem para Cristo. O texto diz: “**Olhai para mim.**”

Um dos biógrafos de Spurgeon disse que, depois de 10 minutos de pregação, esse homem leigo já tinha terminado o que tinha para dizer. Mas, daí, ele viu o jovem Spurgeon sentado debaixo da galeria. Sem o reconhecer, porém notando seu semblante caído, ele focou em Spurgeon e exclamou: “Jovem, você está com um semblante miserável. E você permanecerá assim—miserável na vida e miserável na morte—se não obedecer a este texto. Mas se o obedecer agora, neste momento, será salvo. Jovem, olhe para Jesus Cristo! Olhe! Olhe! Olhe!”

Com isso, o sermão terminou. Mas o convite de Deus vindo de sua Palavra e proclamado por uma pregação simples penetrou no coração de Spurgeon e, naquele dia, ele olhou para Cristo somente e foi salvo. Sua vida foi transformada para sempre.²

O texto dessa pregação foi, a propósito, Isaías 45.20–22. Por meio de seu profeta, Deus convida Israel e qualquer um que der ouvidos:

Congregai-vos e vinde; chegai-vos todos juntos, vós que escapastes das nações; nada sabem os que carregam o lenho das suas

imagens de escultura e fazem súplicas a um deus que não pode salvar. Declarai e apresentai as vossas razões. Que tomem conselho uns com os outros. Quem fez ouvir isto desde a antiguidade? Quem desde aquele tempo o anunciou? Porventura, não o fiz eu, o SENHOR? Pois não há outro Deus, senão eu, Deus justo e Salvador não há além de mim. Olhai para mim e sede salvos, vós, todos os limites da terra; porque eu sou Deus, e não há outro.

Mas esse verso seria usado por Deus não somente para chamar Spurgeon à fé, mas ele se tornaria o fervor de vida de Charles Haddon Spurgeon para apontar todas as pessoas em seu mundo para seu Deus e Salvador, Cristo Jesus.

Um ano após sua conversão, quando tinha 17 anos, ele foi convidado para pregar a um punhado de pessoas de um vilarejo que se reuniam num celeiro improvisado. Ele foi. Dentro de dois anos pregando ali, esse punhado de pessoas subiu para 400.

Sem qualquer educação formal, ele gostava muito de pregar. O que o ajudou muito foi sua memória fotográfica e o fato de ser um leitor voraz, devorando 6 livros por semana de sua biblioteca que continha mais de 12 mil volumes.

Com 19 anos, ele foi convidado para pregar numa famosa igreja de Londres, mas que estava morrendo. O auditório tinha lugar para mais de 1200 pessoas e a igreja tinha um histórico de pastores excelentes e fieis às Escrituras. A igreja havia sido cercada pelo urbanismo da cidade que crescia rapidamente, mas carecia de um ministério de evangelismo na cidade e de um pastor que pregasse a Palavra de Deus.

Spurgeon pensou que o convite tinha sido feito

por engano e até tentou recusá-lo—por que convidariam um menino sem educação formal do interior para pregar na cidade? Mas essa igreja, que no passado fora vibrante, ouviu falar do jovem do interior que pregava com fervor, vivacidade e verdade; então, insistiram no convite. Finalmente, Spurgeon aceitou o convite e chegou para pregar. Quando falou no domingo, havia menos de 200 pessoas.

Relatos contam que sua roupa não cabia direito, seu cabelo ficava assanhando o tempo todo e ele simplesmente não se encaixou no cenário de Londres. Seu pai tinha lhe dito que ir à cidade seria um erro, e ele provavelmente estava certo. Uma adolescente presente na igreja naquele dia aconteceu de se lembrar que a aparência de Spurgeon era estranha, distraía e era até cômica. Ela escreveu em seu diário sobre “seu cabelo comprido e mal cortado, seu *blazer* folgado preto de cetim e seu lenço azul com manchas brancas [que não combinava], o qual ele descreveu como ilustração de seu sermão, chamando ainda mais atenção para ele. Ele suscitou em mim sentimentos divertidos.”³

Ele suscitou mais do que isso, porque dentro de dois anos se casaria com ele. Seu nome era Susannah e ela dali em diante provavelmente passou a escolher os lenços que ele usaria!

Quando Spurgeon tinha 20 anos, aceitou o convite para se tornar pastor daquela igreja e ela começou a crescer rapidamente. Após um ano ali, o auditório não comportava mais as pessoas e os crentes decidiram construir um novo lugar para reuniões.

Enquanto o novo prédio era construído, a congregação alugou um teatro no qual se reunir, algo considerado um escândalo, já que igrejas não deveriam congregar em prédios públicos; era algo inédito. Mas Spurgeon não quis saber; ele tinha

passado 3 anos pregando dentro de um celeiro mesmo! Um ano depois, eles se mudaram para o novo prédio, o qual ficou imediatamente lotado ao máximo. Novamente, a igreja começou a alugar um prédio enquanto construía um novo auditório.

A essa altura, o nome de Charles Spurgeon já era bastante familiar. Seu estilo de pregação dramático com gesticulação—algo incomum naqueles dias—diferentes entonações de voz—também incomum—figuras de linguagem, histórias e humor se tornou alvo de muitas conversas em Londres. Especialmente seu humor, algo que na época era considerado desnecessário e inadequado a ser feito a partir de um púlpito. Houve até uma mulher que foi lhe dizer que estava usando humor demais no púlpito, ao que Spurgeon respondeu: “Senhora, você não faz ideia do quanto tenho deixado de falar.”

Ele escreveu posteriormente: “Não há nada de espiritual em melancolia e desespero. Jesus não disse: ‘Bem-aventurados os melancólicos,’ mas fico com a impressão de que alguns pregadores estão com a gravata enforcando a alma.”⁴

Os pastores da cidade de Londres estavam divididos em suas opiniões a respeito do jovem Spurgeon. Alguns diziam que corria em busca de glória pessoal, enquanto outros viam nele um ótimo ator. Mas essas opiniões não importavam; quase todo mundo queria ouvi-lo pregar.

Sua teologia era determinada pelas Escrituras. Ele já tinha perturbado o legado de sua família ao se tornar batista, recusando aspergir água sobre bebês, algo que seu pai e avô tinham feito por muitas décadas. Ele escreveria: “Embora os ame e respeite (pai e avô), não existe razão por que deveria imitá-los.”⁵

Ele também não media palavras ou recuava

diante do que chamava de doutrinas difíceis. Ele pregava e estimava a soberania de Deus, eleição dos crentes e julgamento final. Quando perguntado, ele disse que preferia pensar em si mesmo como um crente normal: “Nunca me envergonho de dizer que sou Calvinista; não hesito em assumir o rótulo de batista. Mas se me perguntarem qual é o meu credo, responderei: ‘É simplesmente Jesus Cristo’.”

Em março de 1861, a igreja começou a se reunir no recém-construído Tabernáculo Metropolitano de Londres. O auditório comportava 5.600 pessoas e não tinha órgão ou outro instrumento qualquer, pois Spurgeon cria que outra coisa além da voz seria uma distração.

Cedo no namoro, Susannah já entendeu que Spurgeon pertencia a Deus primeiramente e acima de tudo. Susannah conta que, antes de se casarem, ele passava bastante tempo corrigindo seus sermões enquanto ela ficava sentada “aprendendo a ficar calada.”⁶ Certa vez depois que tinham noivado, Spurgeon esqueceu completamente que ela estava com ele e a deixou para trás num evento da igreja. Susannah voltou para a casa de sua mãe em lágrimas.⁷

No geral, eles desfrutaram de um casamento maravilhoso, apesar de incrivelmente corrido e constantemente interrompido. Pouco depois de se casarem, Susannah deu à luz gêmeos, os quais cresceriam amando Cristo e sua igreja. No fim, após a morte de Spurgeon, seu filho Thomas assumiu sua posição como pastor da igreja e Charles Jr. ficou a cargo do orfanato que seu pai tinha fundado.

Aos 33 anos de idade, Susannah começou a sofrer algumas enfermidades físicas. Com base em relatórios variados, parece que ela se submeteu a uma cirurgia rara no colo do útero, realizada por James Simpson, o pai da ginecologia moderna, mas de nada adiantou. Ela ficou praticamente inválida e,

pelos próximos 27 anos, raramente ouviu seu marido pregar às milhares de pessoas que lotavam o auditório toda semana.

E a igreja cresceu bastante. Numa ocasião, Spurgeon até pediu que a congregação não fosse à igreja no domingo seguinte para que pessoas descrentes tivessem a oportunidade de ir e ouvir o Evangelho. Em outra ocasião, ele simplesmente pediu que todos fossem embora e cedessem espaço para os que estava do lado de fora. Todo mundo saiu e o auditório ficou lotado imediatamente. Quando chegou no final de seu ministério, ele tinha testemunhado 14.500 batismos e sua igreja contava com 5.300 membros ativos.⁸

Em meio a tudo isso, Spurgeon sofria com suas próprias dificuldades físicas. Ele sofria com a gota, inchaço nas articulações, reumatismo e inflamação nos rins, coisas que lhe causavam dor aguda. Tão grande era sua dor que, dos 35 aos 57 anos, que foi quando morreu, ele passava um terço do tempo fora do púlpito simplesmente se recuperando de enfermidades. Mesmo assim, trabalhava 18 horas por dia. Por isso, acabou escrevendo mais de 140 livros.

Quando seu amigo missionário David Livingstone lhe perguntou: “Charles, como você consegue fazer o trabalho de suas pessoas num dia só?” Spurgeon respondeu: “Você esqueceu que somos dois.” Ele gostava muito do verso de Paulo aos colossenses: *para isso é que eu também me afadigo, esforçando-me o mais possível, segundo a sua eficácia que opera eficientemente em mim* (Colossenses 1.29).

Ele escreveu certa vez: “Se morrermos prematuramente por causa de trabalho excessivo, desgastados no serviço do Mestre, então, glórias sejam dadas a Deus, pois teremos muito menos na terra e muito mais no céu. É nosso dever e privilégio

exaurir nossas vidas com Jesus. Não devemos ser arquétipos vivos de homens em excelente estado de preservação, mas sacrifícios vivos, cuja porção é para ser consumida.” Não é uma perspectiva muito popular em nossos dias; certamente, não é no ministério.

No início do ministério, Spurgeon fundou uma escola para pastores. Ele queria que homens recebessem o treinamento que ele nunca tinha recebido. Nesse empreendimento, sua abordagem objetiva do ministério e seu humor escancarado se tornaram lendários.

Por exemplo, numa dada ocasião, uma comissão de sucessão pastoral lhe escreveu em busca de um candidato vindo de sua escola. A comissão enviou a descrição de trabalho e revelou qual seria o salário. Spurgeon respondeu à carta, dizendo que o salário era pequeno demais. Em suas palavras: “O único indivíduo que conheço que conseguiria viver com esse salário que estão oferecendo é o anjo Gabriel. Ele não precisaria nem de dinheiro nem de roupa; poderia simplesmente descer do céu num domingo de manhã e voltar à noite. Portanto, sugiro que convidem Gabriel para ser seu pastor.”⁹

Em outra ocasião, uma carta chegou de outra comissão em busca de pastor. Eles pediram a Spurgeon um pastor que pudesse encher o auditório. Spurgeon respondeu, dizendo que não tinha nenhum aluno daquele tamanho. E adicionou em seguida que ficaria feliz em enviar um aluno que preencheria o púlpito com muita capacidade.

Spurgeon entrevistava pessoalmente cada futuro aluno em busca do que chamava de evidência clara do chamado de Deus para sua vida. Ele rejeitava tantos alunos que ganhou o apelido de “Assassino de Pastor.” Sua preocupação era apenas proteger a igreja de homens desqualificados e sem

o dom para o ministério pastoral.

Conforme de costume, um jovem foi preencher os formulários para se tornar aluno na escola. Spurgeon escreveu:

Seu rosto poderia ser a capa de um livro sobre orgulho e presunção. Ele me enviou um recado, dizendo que precisava falar comigo logo, sem agendar nada. Por sua audácia, conseguiu falar comigo. Quando estava na minha frente, lhe disse: “Rapaz, quero que você entre para a nossa Escola e quero que faça isso logo.” O jovem me informou que, em relação às suas pregações, ele poderia apresentar ótimas avaliações, mas achava que isso não seria necessário, já que sua entrevista pessoal comigo me convenceria de sua capacidade de uma vez por todas.

Sua surpresa foi grande quando eu disse: “Rapaz, sou obrigado a dizer que não posso aceitar sua matrícula.” “Mas por que não?” Eu respondi: “Olha, vou ser sincero. Você é tão inteligente que eu jamais poderia insultá-lo, recebendo-o em nosso corpo discente, onde existem apenas alunos comuns. Você teria que se humilhar demais para se juntar a nós aqui.” O jovem respondeu: “Nesse caso, então, pelo menos me deixe mostrar minha aptidão para pregação. Escolha qualquer texto ou assunto que quiser e pregarei sobre ele aqui mesmo.” Eu respondi: “Ah, não posso consentir isso, pois eu mesmo não sou digno dessa honra.”

Podemos apenas imaginar como Spurgeon viva constantemente ocupado. Ele abriu mais de 60 ministérios sob sua supervisão. Pelo menos ele tinha memória fotográfica e conseguia lembrar de tudo o que tinha lido em livros, comentários e na Bíblia.

No sábado à noite, ele começava a preparar seu sermão de domingo de manhã. Não é uma boa ideia, ao menos que você também tenha memória fotográfica e leu vorazmente no decorrer da semana. Ele pregava sermões textuais, ou seja, selecionava um ou dois versos de uma passagem e mergulhava profundamente neles. Na semana seguinte, pregava num livro completamente diferente. Às vezes, era sábado à noite e ele ainda não tinha escolhido a passagem. Então, em desespero pedia a ajuda de Susannah, a quem carinhosamente chamava de “Susie.” “Susie, minha querida, preciso de sua ajuda.” Susannah ficava muito feliz em entrar no escritório com sua Bíblia e ler para Spurgeon várias passagens especiais para ela. De repente, ele escolhia uma delas e dizia: “Essa aí.” Daí, dentro de poucas horas, já estava com o sermão preparado. Naquela mesma segunda-feira, ele editava o esboço, o qual seria publicado nos jornais ao redor do mundo e lido por milhões de pessoas.

Deixe-me adicionar o seguinte. Num sábado à noite, Spurgeon estava deitado na cama pregando enquanto dormia; ele estava dormindo, mas falando. Então Susannah pegou uma caneta e um papel e fez algumas anotações. Quando Spurgeon acordou, ela lhe entregou o que ele tinha pregado inconscientemente durante a noite. Ele deu uma olhada e imediatamente descartou o que já tinha preparado e pregou no domingo de manhã usando essas anotações. Você acredita nisso? Eu já falei para minha esposa *não* escrever o que eu falo enquanto durmo!

Certa vez, num sábado à noite, ele teve que lidar com interrupção—um líder religioso orgulhoso e famoso que chegou à sua casa gritando. Ele falou para a diarista que precisava conversar com o sr. Spurgeon. Ela foi até ele e lhe informou do visitante. Spurgeon replicou dizendo que estava ocupado e não podia ser interrompido. A diarista

repassou o recado ao visitante ilustre, o qual ficou ofendido e com raiva. Ele mandou a diarista voltar a Spurgeon e dizer que algum mal entendido havia acontecido: “Diga ao sr. Spurgeon que um servo do Mestre está aqui para vê-lo.” Spurgeon respondeu com o seguinte recado: “No momento, estou ocupado com o Mestre e não tenho tempo para seu servo.”

Como podemos imaginar, seu ministério era cercado de controvérsias, a maioria delas doutrinárias. Quando pregou contra o batismo infantil, sua mensagem causou grande tumulto em Londres e em outras regiões. Jornais americanos começaram a editar suas mensagens, removendo seus ataques contra a escravidão.

Spurgeon não estava interessado na opinião da maioria. Porém, algumas controvérsias foi ele mesmo que causou. Entre os pastores mais famosos da Inglaterra na época estavam Charles Spurgeon e Joseph Parker. Spurgeon pregava para cerca de 10 mil pessoas que frequentavam os dois cultos de domingo. A igreja de Parker só era menor do que a de Spurgeon.

No início dos ministérios de ambos, eles mantiveram boa comunhão e até se convidavam para pregar em suas respectivas igrejas. Mas, infelizmente, eles tiveram uma desavença. Spurgeon acusou Parker de ser um pastor carnal porque frequentava peças de teatro onde havia apresentações de ópera. Parker revidou, criticando Spurgeon por ser mal exemplo porque fumava charuto, tanto privada como publicamente. Cada um considerava o outro um líder mal exemplo ao rebanho.

Suas palavras ficaram mais mordazes. A dissensão dos dois chegou a tão nível que se tornou manchete nos jornais de Londres. Dois gigantes da fé romperam comunhão e sua amizade jamais

voltaria a ser a mesma.¹⁰

Em outra ocasião, D. L. Moody, o mais famoso pastor e evangelista dos Estados Unidos, visitava seu amigo Spurgeon e uma conversa entre os dois acabou sendo incluída nos jornais. Na verdade, Moody estava pregando na igreja de Spurgeon naquele final de semana. Evidentemente, os dois discutiram depois e Moody perguntou a Spurgeon quando ele deixaria de lado aqueles terríveis charutos. Spurgeon apontou para a barriga de Moody e respondeu: “Quando você se livrar disto.”

Dou esses exemplos para lembrar todos nós que gigantes da fé são capazes de contender, discutir e até se separar por questões menos importantes do que o Evangelho e que nem são tão dignas de defender.

Se você já leu livros da autoria de Spurgeon—e recomendo pelo menos seu devocional intitulado *Manhã e Noite*—então notou que, acima de tudo, ele era um pastor. Ele amava as pessoas, amava Cristo e gostava demais de pastorear. Mesmo quase 200 anos depois, seus escritos ainda fornecem encorajamento maravilhoso a corações desanimados.

Por exemplo, ele escreveu:

Ah, querido amigo, quando sua dor o arremessa contra o chão, adore ali mesmo. Se aquele lugar se tornou seu Getsêmani, então erga ali seu forte clamor e lágrimas ao seu Deus. Lembre-se das palavras de Davi: “Ó, povo, derrame seu coração”—mas não pare aí, leia o verso todo—“derrame seu coração diante dele.” Vire o barco de cabeça para baixo; é bom esvaziá-lo, já que essa dor pode fermentar e se tornar azeda; vire o barco de cabeça para baixo até que escorra a última gota; deixe-a escorrer diante do Senhor.¹¹

Spurgeon também escreveu sobre seus próprios sofrimentos ao dizer: “O bem que tenho recebido de minhas dores, tristezas e sofrimentos é incalculável... a aflição é o último móvel na minha casa. Ele é o melhor livro da minha biblioteca.”

Os anos finais de Spurgeon foram marcados por uma controvérsia sobre o que ficou conhecido como a “Diluição.” Ele acusou os pastores da União Batista—um grupo de pastores ao qual pertencia—de negligenciarem o Evangelho e diluírem as doutrinas bíblicas. Ele também atacou a crescente aceitação do livro de Charles Darwin que tinha acabado de ser publicado e condenou qualquer comprometimento da criação literal de Deus em 6 dias. Centenas de pastores ficaram furiosos com essas acusações e ele foi removido do grupo. Poucos anos depois, Spurgeon morreu. A história revelou que suas advertências eram verdadeiras. Advertências como as suas são extremamente necessárias hoje.

No decorrer de sua vida e ministério, Spurgeon nunca se afastou muito daquele verso que cativou sua atenção e levou salvação à sua alma. Ele tinha olhado para Cristo e a aceitação de Cristo se tornou seu lema de vida.

Deixe-me terminar com as palavras provindas de um de seus sermões:

Que algo maravilhoso que nós, mortais, pecadores, vermes nos tornaríamos objetos do amor divino, que nós seríamos aceitos por Cristo.

Alguns crentes pensam que são aceitos por causa de sua própria experiência, isto é, quando seu espírito está feliz e existe esperança, eles pensam que Deus os aceitou, já que se sentem felizes, pensam nas coisas celestiais e tiram o foco da terra. Mas quando

sua alma cai no chão, eles se tornam vítimas do medo de que não são mais aceitos.

Crete, regozije-se no seguinte: você é aceito no Amado. Seus pecados o perturbam, mas Deus os lançou sobre seus próprios ombros e você foi aceito no Justo. Precisamos lutar contra a corrupção e contra a tentação, mas já fomos aceitos naquele que venceu os poderes malignos. O diabo o tenta? Anime-se, pois ele

jamais poderá destruí-lo, já que foi aceito em Cristo.

Olhe para dentro de si e diga: “Não há nada aceitável aqui dentro!” Mas olhe para Cristo, olhe para Cristo e verá nele tudo o que existe de aceitável.¹²

Olhe para Cristo somente!

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 24/11/2013

©Copyright 2013 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

¹ www.wholesomewords.com (Christian Biography Resources—Spurgeon, p. 1).

² Ibid., p. 2.

³ C. H. Spurgeon, *Autobiography: Volume 1* (Banner of Truth, 2005), p. 180.

⁴ R. Kent Hughes, *The Sermon on the Mount* (Crossway, 2001), p. 26.

⁵ Susannah Spurgeon and Joseph Harrald, *C. H. Spurgeon Autobiography: Volume 1* (Banner of Truth, 2006), p. 145.

⁶ Richard Ellsworth Day, *The Shadow of the Broad Brim* (Judson Press, 1934), p. 110.

⁷ Spurgeon and Harrald, p. 289.

⁸ Ibid., p. 3.

⁹ Susannah Spurgeon and Joseph Harrald, *C. H. Spurgeon Autobiography: Volume 2* (Banner of Truth, 2006), p. 162.

¹⁰ Adaptado de Hughes, *Romans* (Crossway, 1991), p. 263.

¹¹ Charles H. Spurgeon, *The Suffering of Man and the Sovereignty of God* (Fox River Press, 2001), p. 18.

¹² Idem, *Morning and Evening* (Hendrickson, 1991), p. 534.